

**PRODUÇÃO TEXTUAL:
DE OTHON MOACYR GARCIA À ATUALIDADE**

Tania Maria Nunes de Lima Camara (UERJ / UNISUAM)
tania.maria@openlink.com.br

A importância e a atualidade da obra de Othon Moacyr Garcia justificam a justa homenagem que a ele faz este XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Sem dúvida, uma oportuna e merecida lembrança desse autor, cuja contribuição aos estudos linguísticos se mostra tão evidente e atual.

Sua *Comunicação em Prosa Moderna*, cuja primeira edição data de 1967, demonstra de maneira cabal o que anteriormente afirmamos. O adjetivo “moderna”, que tanto pode referir-se à “comunicação” quanto à “prosa”, explicita a modernidade na abordagem dos fatos linguísticos, o que faz da referida obra não só uma produção muito à frente do seu tempo, como também a precursora de caminhos e de procedimentos que passaram a ser trilhados somente tempos mais tarde, servindo de forte base a muitos estudos realizados na atualidade, instigando o desenvolvimento de novas pesquisas, ao mesmo tempo que aguça olhares críticos acerca dos cuidados e da complexidade inerentes à produção textual, bem como às orientações relativas a ela.

A respeito do autor, informa-nos o editor, em nota presente na 6ª edição (1977): “...vem-se dedicando há longos anos ao ensino da língua portuguesa e da literatura luso-brasileira...” e, adiante, “... considera-se acima de tudo, e sem modéstia, apenas professor de Português...” A aparente contradição da passagem, marcada pelo uso das expressões “sem modéstia” e “apenas”, nada tem de verdadeiramente paradoxal. Ao contrário, destaca o alto valor que Othon atribuía à tarefa de ensinar a língua portuguesa, e, por isso mesmo, o declara “sem modéstia”. Uma tarefa que, segundo o próprio autor, procura “... ensinar não apenas a escrever, mas principalmente a pensar...”, como se pode verificar em “Explicação Necessária”, datada de 10 de julho de 1967, quando da publicação da 1ª edição. Parafraseando o autor, sem modéstia, somente um PROFESSOR, um verdadeiro docente, categoria à qual me orgulho de pertencer, poderia revelar pre-

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

ocupação tão profunda em relação ao seu papel social e à sua prática docente.

No dizer do famoso escritor e tradutor Paulo Rónai, no artigo “Comunicação Planejada”, publicado no Suplemento do Livro do Jornal do Brasil, de 20 de março de 1968, cujos fragmentos podem ser encontrados na contracapa da 6ª edição,

Comunicação em prosa moderna se caracteriza por uma abordagem revolucionária do problema da expressão. Em vez de partir do material disponível que oferecem os textos, de classificá-lo, o autor toma como ponto de partida as ideias que reclamam comunicação...

Ou seja, evidencia-se o trabalho do autor em fazer do conhecimento da língua o meio da expressão adequado das ideias tencionadas. Tais considerações conduzem-nos ao que, tempos mais tarde, Travaglia (2000) discorre sobre a língua em uso: a competência comunicativa e suas formadoras: as competências linguística e textual.

Para que se perceba de maneira mais clara a “revolução” a que se refere Rónai, é interessante traçar-se um perfil diacrônico acerca do ensino da língua portuguesa no Brasil.

Mattos e Silva (2000), citando Leonor Buescu, afirma que:

Em cada momento, a história cultural e sociológica do homem coloca a sua ‘Questão da Língua’. A profunda relação que existe entre a ‘Questão da Língua’ e todas as ‘questões’ que sacodem com maior ou menor força o edifício sociocultural é, certamente, a mesma e profunda relação que existe entre a língua em si própria e os outros elementos da estrutura social (p.20).

Assim, em relação à sociedade brasileira até o início dos anos 50, o acesso restrito à escola, frequentada, então, pela elite do país, emprestava ao ensino da língua portuguesa o caráter de ajuste e, em certo grau, de aprofundamento da experiência linguística desenvolvida e cultivada no ambiente familiar. O papel da escola era, pois, aprimorar a “arte do bem falar e do bem escrever”, valorizados que eram os aspectos concernentes à velha retórica (em oposição à nova retórica de Perelmann) e suas construções extemporâneas. Essa era, portanto, a “questão da língua” que se apresentava: praticamente nada havia a ser ensinado ao aluno; apenas burilar-lhe a expressão que já lhe era fluente, satisfazendo a todos os princípios puristas.

No correr dos anos 50, porém, segundo Azeredo (2007),

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

...já se evidenciavam (...) as consequências do desenvolvimento da sociedade capitalista moderna, como (...) a abertura de amplas perspectivas de mobilidade social vertical. As famílias da classe proletária encontram na escola secundária em expansão o caminho natural para a ascensão segundo esses novos padrões (p.110)

E, citando Boris Fausto, acrescenta que:

...O ginásio, gradualmente, vai perdendo a antiga condição de escola que atendia às necessidades de ilustração e encaminhamento escolar das camadas superiores e passa a representar, para as diferentes camadas sociais, o meio de conquista de novas e melhores posições na sociedade em transformação... (*idem*)

Era, pois, outra a “Questão da Língua” nesse momento. Na medida em que mudava a clientela que tinha acesso à escola, trazendo consigo padrões linguísticos distantes daquele socialmente prestigiado, os aspectos relativos ao ensino tinham de efetivamente mudar, no intuito de adequar-se ao novo quadro que se apresentava.

Observa-se, no entanto, que, se do ponto de vista do ensino da língua portuguesa, segundo o supracitado autor, algumas mudanças, ainda que tímidas, ocorreram, como revelam algumas as três obras didáticas mais adotadas nas escolas do Rio de Janeiro, destinadas ao antigo curso ginásial – Adriano da Gama Kury, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha -, igual procedimento não ocorreu no tocante à produção de textos, ou, como é comumente conhecida, à redação.

As narrações, as descrições, as dissertações continuavam cobradas do mesmo modo como nos tempos mais antigos. Eram solicitadas tanto como atividades isoladas quanto sugeridas a partir do conteúdo do texto que, em alguns casos, iniciava cada uma das unidades do livro didático. Normalmente não havia orientação específica sobre a produção textual e, quando ocorria, sempre se mostrava atrelada a aspectos relativos a conteúdo, e não à forma.

Certamente, o professor que desenvolvia essa atividade esperava do aluno uma transferência natural do conhecimento gramatical, desenvolvido por meio de abordagens estanques, para o texto que este viesse a produzir.

Se tal procedimento era possível de ocorrer em momentos histórico-sociais anteriores, em função da homogeneidade do grupo que frequentava a escola, as modificações de sociedade, já expostas,

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

impediam que o procedimento acima descrito produzisse resultados satisfatórios, dados os diferentes graus de domínio linguístico que passaram a ser verificados nos grupos sociais que frequentavam a escola.

É exatamente nesse ponto que se evidencia a modernidade da obra de Othon Moacyr Garcia: ensinar a escrever, ensinando a pensar e a utilizar os recursos da língua, em seus diferentes níveis, adequando-os a objetivos distintos. Voltando-se às palavras do editor, em nota presente na 3ª edição de *Comunicação em Prosa Moderna*,

...As duas primeiras edições esgotaram-se rapidamente demonstrando com isso a lacuna existente e a importância que assume dia a dia o estudo da nossa língua por abordagem diferente da habitual (...). A desmitificação que fez de assuntos que se apresentam tradicionalmente intrincados em gramáticas dá-nos uma ideia do que é a obra: moderna, prática, necessária... (p.VII)

Essa “necessidade” de a obra em questão existir encontra suporte nas palavras do próprio autor, a respeito do propósito de sua produção, qual seja ensinar o aluno a pensar com eficácia, com clareza, com objetividade, com coerência, com precisão de ideias, ênfase, características estas que, segundo ele, se mostram indispensáveis a fazer da linguagem, oral ou escrita, um veículo de comunicação, por acabarem trazendo em seu bojo a correção, a elegância, o vigor, a expressividade, entre outros atributos relacionados ao estilo.

Cabe aqui destacar a atualidade dos cuidados rotulados pelo autor como “indispensáveis”, haja vista a frequência com que tais marcas são referidas nos recentes estudos relativos à produção do texto: “clareza”, “eficácia”, “coerência”, linguagem oral, linguagem escrita, “correção”, “expressividade”, marcas essas que, desavisadamente, poderiam ser consideradas preocupações exclusivas do momento presente, quando, na verdade, não o são.

Chama também a atenção o fato de o autor reportar-se às questões relativas ao estilo, considerado a partir dos efeitos produzidos pelas escolhas realizadas por aquele que produz um texto, trazendo a Estilística numa perspectiva que muito se distancia da visão desgastada e sem atrativos que a esta permaneceu, por um tempo, agregada.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O enfoque apresentado destaca o papel indispensável do conhecimento gramatical como suporte da expressão, mais, ou menos expressiva conforme a intenção do produtor do texto. Ou seja, a gramática como meio, e não como fim, dado que o objetivo maior do ensino deve, efetivamente, apoiar-se na orientação de uma produção eficaz, cumprindo o propósito a que se destina: "...encontrar ideias, concatená-las e expressá-las.." de modo claro, coerente e enfático, considerando os padrões linguísticos concernentes ao momento da produção.

Othon, ao chamar a atenção do professor para a necessidade de "...zelarmos com mais assiduidade não só pelo polimento da frase, mas também, e principalmente, pela sua carga semântica" (1977, p.: IX) , dá à ciência do significado um lugar de destaque, evidenciando a importância do elemento semântico-gramatical como responsável pela qualidade da expressão, considerado o esteio da funcionalidade, da expressividade, das intenções comunicativas; portanto, tudo quanto atualmente está presente nos estudos de diferentes autores contemporâneos consagrados, também preocupados com as questões relativas ao ensino da língua portuguesa, sem perder de vista, especificamente, a expressão oral e escrita do aluno, nas diferentes situações cotidianas .

Comunicação em Prosa Moderna permite que o aluno perceba de maneira clara a funcionalidade dos estudos gramaticais, pela maneira como é estudado o conteúdo que se apresenta ao longo das nove partes em que se divide a obra, cada uma delas subdividida em capítulos, que, por sua vez, aparecem divididos em tópicos, explorando conteúdos relativos à frase, em suas feições gramatical e estilística; às figuras; ao tempo e aspecto verbal; aos tipos de discurso; ao vocabulário e seus diferentes matizes; ao parágrafo como unidade de composição; aos modos de organização textual; à eficácia e às falácias da comunicação; à redação técnica.

Na medida em que fatos gramaticais e recursos semânticos são expostos por Othon como escolhas possíveis no universo de intenções comunicativas, evidencia-se a preocupação do referido autor com a **autoria** da produção, aspecto de extrema relevância na expressão falada e escrita. A orientação passada ao aluno visa a expor a este o material linguístico como matéria-prima do texto, seja este li-

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

terário, burocrático, acadêmico. É, pois, oportuno ressaltar a diversidade de domínios discursivos apresentados e suas respectivas marcas textuais, o que, mais uma vez, demonstra a visão precursora do autor em relação a uma abordagem que, atualmente, capitaneia todo trabalho desenvolvido em relação à produção falada ou escrita: os gêneros textuais e suas respectivas funcionalidades sociais.

Pensar em Othon Moacyr Garcia e em sua *Comunicação em Prosa Moderna* é, sem sombra de dúvida, reconhecer o trabalho sensível do mestre, preocupado em mostrar o estudo semântico-gramatical da língua portuguesa ancorando o texto, entendido este como começo e fim do processo. Desse modo, qualquer semelhança com as abordagens teóricas da atualidade, bem como com as diretrizes traçadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais não terá sido mera coincidência.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. Língua e texto: o livro didático de português nos anos 1960 e 1970. **In:** —. *Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Da sócio-história do português brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje. **In:** AZEREDO, José Carlos de (org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.